

Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

AGOSTO/1980



DEUS

*«Disse o néscio
no seu coração
não há Deus»
Mas, repara, irmão
na milimétrica flor
que pisa na calçada,
Na árvore gigante
à beira da estrada,
Nos variados matizes
das flores,
No arco-íris e suas
lindas cores,
Nos loiros triguais
E, nas papoilas
originais,
No azul do Céu
quando se apresenta
sem véu,
Nas estrelas cintilando
em dia calmo,
No luar de prata
que inunda tua alma,
Na maravilha e imponência
da catarata
Nas tempestades
e raios cruzando os ares
que beleza e majestade,
No Universo sem fim,
No sorriso duma criança
ao colher um jasmim,
Contempla, irmão,
os céus
e a natureza,
E, Tu, verás Deus!!!*

Junho 1977

Isabel Nobre Cordeiro

Desfazendo um Mito

Ouvi o comentário de alguém de influência numa das nossas igrejas que teria ouvido dos lábios de um obreiro do White Estate (Depositários das obras de E. G. White) que há declarações inéditas da pena inspirada as quais serão reveladas à igreja em tempo oportuno, ao avizinhar-se a grande crise final. É isto verdade?

Ocorrem aí duas hipóteses — ou essa pessoa ouviu mal o que esse suposto obreiro do White Estate lhe declarou, ou tal obreiro está muito mal informado, e informando mal os outros, o que é inadmissível.

Sendo pergunta semelhante dirigida, durante um concílio de obreiros, ao Pastor Delafield, que por muitos anos dirigiu aquela instituição, este declarou que não existe tal coisa, o que vem corroborar claras declarações impressas em livros sobre o Espírito de Profecia, sua importância e métodos de preservação e publicação dos originais de Ellen G. White. Como exemplo de uma dessas declarações autorizadas, citamos a que consta da obra «A Orientação Profética no Movimento Adventista», publicada pelo Departamento de Publicações E. G. White, da Conferência Geral:

«As vezes a seguinte pergunta é suscitada: 'Existem mensagens importantes de Ellen G. White de vital interesse para a igreja que estão sendo retidas, inéditas, no sub-solo do White Estate, a serem publicadas em algum tempo solene?'

«Não há tais escritos no sub-solo do White Estate. A comissão de Depositários, em conselho com os dirigentes da igreja, tem-se esforçado conscienciosamente para pôr ao alcance da igreja nos diversos livros publicados desde a morte da Sra. White, toda a espécie de conselhos que lhe seriam úteis. Todas as declarações proféticas significativas conhecidas pelos Depositários, que se relacionam com os últimos eventos têm sido publicadas, para que todos as possam ler e delas receber benefícios. Os Depositários não desejam reter — e tão pouco têm retido — instrução que servirá à igreja nestes últimos dias de crise». — Op. Cit. Pág. 152.

SUMÁRIO

- Deus
- Editorial
- Nossa Principal Ocupação
- Preservação e Custódia dos Manuscritos de Ellen G. White - II
- A Arqueologia Elucida os Métodos de Crucifixão
- Página da Mulher — Satisfação
- Israel, um Povo Escolhido
- O Sábado - Repousante, não Desgastante
- Notícias do Campo
- A Mensagem Adventista no Mundo

Revista Adventista

Publicação mensal

AGOSTO DE 1980
ANO XLI N.º 407

Director: J. MORGADO

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÂNTICO

Redacção

e

Administração:

Rua Salvador Allende, lote 18, 1.º
Telefone 251 08 44
2686 SACA VÊM CODEX

Execução gráfica:

ETAG - Estúdio Técnico de Artes Gráficas
V. Travelho — P. Mós

Preços:

Assinatura Anual 100\$00
Número avulso 10\$00

ESTRANGEIRO: além do preço de assinatura, os portes são a cargo do assinante.

Prezados Irmãos:

Há dias li numa revista evangélica portuguesa um apelo aos membros da igreja para um maior espírito de reverência na casa do Senhor. Pensei então quão apropriadas poderiam ser aquelas palavras se dirigidas aos membros das nossas igrejas em Portugal.

Há que chamar, duma maneira firme, a atenção dos nossos membros para o modo como se comportam e como falam, desde que entram na casa do Senhor.

Talvez de tanto serem ouvidas, as palavras «Guarda o teu pé quando entrares na casa do Senhor», deixaram de ter efeito em nossas mentes. Conversas, críticas, ruído de pés, de cadeiras, crianças chorando, saídas e entradas escusadas, tudo são meios, não só de mostrar uma atitude incorrecta, mas, acima de tudo, de perturbar todos aqueles que desejam em paz, silêncio e reverência fazer da casa de Deus «casa de oração».

Deveríamos estar no templo alguns minutos antes dos serviços religiosos começarem e em silêncio tomarmos a Palavra de Deus para ler. Não é dentro da igreja que devemos trocar cumprimentos. Façamo-lo à saída, fora do templo.

Durante o culto, de Sábado, de Domingo, ou de oração, participe-mos reverentemente dele. Não nos permitamos perturbar com palavras, gestos ou barulho um lugar onde devemos adorar a Deus.

Quantas almas, quando vão pela primeira vez às nossas igrejas, ficam perturbadas com a falta de reverência que encontram!

Um dos motivos que maior perturbação produz é a Escola Sabatina dividida em classes. No entanto, é esse o modelo ideal para a Escola Sabatina. Embora seja difícil, cremos que é possível organizar todas as coisas decentemente e com ordem. Precisamos de nos esforçar nesse sentido. Os monitores podem falar de modo a serem ouvidos só na sua própria classe.

Façamos uma reforma neste sentido em nossas igrejas.

Aos pastores e oficiais das igrejas faço o apelo para uma maior reverência em todos os nossos actos de culto. Que através duma organização cuidadosa das actividades e serviços religiosos estes possam decorrer «com ordem» e para glória de Deus. Aos nossos membros apelo para um verdadeiro espírito de reverência, uma consciência real da presença do Senhor na «Sua» casa. Isso nos aproximará mais de Deus e ajudará outros a se sentirem melhor no nosso meio.

J. A. Morgado

Nossa Principal Ocupação

O pregador — autor do livro do Eclesiastes — foi usado por Deus a fim de nos ajudar a entender os mistérios da vida. Ele mostra que há um tempo determinado para cada coisa: tempo de plantar e de colher; tempo de poupar e tempo de gastar; tempo de ser prudente e tempo de ser ousado; tempo de reuniões e tempo de férias; e tempo de trabalhar, testemunhar e ganhar almas. Talvez devamos ter cuidado quanto à extensão com que executamos este tema, caso contrário poderemos ser tentados a justificar actividades que não se acham em harmonia com a vontade revelada de Deus.

Que lições podemos aprender?

A festa acabou. A 53ª Sessão da Conferência Geral está no passado. E agora, que faremos? Parafrazeando o pregador: «Há tempo de reuniões da Conferência Geral, mas há também tempo de sair para trabalhar e ocupar-nos em ganhar almas.»

Jesus e Seus pais subiram a Jerusalém para a importante festa anual da Páscoa. Adoradores de todas as partes do país afluíram em massa. As cerimónias da festa eram tipos da obra de Cristo. A Páscoa tinha por objectivo manter com clareza as lições práticas da redenção na mente do povo de Deus. Infelizmente, como ainda hoje acontece algumas das mais sagradas e importantes coisas degeneraram em simples formalismo.

Pela primeira vez, aos 12 anos de idade, Jesus assistia no templo. O mistério da Sua missão começava a desvendar-se ao Salvador. Dia a dia Ele via mais claramente a razão da Sua vinda ao mundo.

Agora, porém, a festa havia acabado. Todos se dirigiam para casa, para os seus trabalhos domésticos e demais ocupações. Todos voltavam à sua rotineira vida. Excepto Jesus! É verdade que Ele fazia parte de uma família próxima, mas Ele também era o Filho de Deus. Vós e eu somos membros de uma família próxima; mas em sentido especial, através de Cristo somos filhos e filhas de Deus.

O episódio foi interessante. Somente no final do primeiro dia de viagem para casa é que José e Maria perceberam que Jesus não estava com eles. Temores surgiram no seu coração. Estreme-

ceram ao lembrar-se de que Herodes havia tentado destruí-lo na Sua infância. Confusa e apressadamente retornaram a Jerusalém. Então chegou o momento dramático em que ouviram Sua voz, e O encontraram na escola dos rabis, e maravilharam-se quando a Sua divindade lampejou através da Sua humanidade. Na Sua face viram a luz do Céu.

Jesus respondeu delicadamente a Seus pais, dizendo: «Não sabeis que Me convém tratar dos negócios de Meu Pai?» Jesus estava empenhado em realizar a obra para a qual havia vindo ao mundo. José e Maria, no entanto, haviam negligenciado o seu dever. Durante todo o dia eles O haviam perdido de vista. Ele não deveria ter sido esquecido por um momento sequer. Isto pode acontecer conosco. Negligenciando-O por um dia, podemos perdê-lo de vista, e isto pode custar-nos muitos dias de ansiosa busca para que O encontremos de novo.

«Por conversas ociosas, por maledicências ou negligência da oração, podemos perder num dia a presença do Salvador, e talvez leve muitos dias de dolorosa busca tornar a achá-lo e reconquistar a paz que perdemos.

«Em nossas relações uns com os outros, devemos estar atentos para não perder a Jesus, continuando o caminho sem nos advertir de que Ele não Se acha conosco.» — *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 58.

O aspecto que desejo encarecer é o seguinte: a festa acabou, a 53ª Sessão da Conferência Geral está no passado — ou talvez tenhamos recém-chegado de uma convenção — e agora? Voltamos aos negócios rotineiros da vida diária, ou podemos dizer com Cristo: «Não sabeis que Me convém tratar dos negócios de Meu Pai?» Nossa ocupação é revelar o carácter de Deus, testemunhar do poder do Evangelho para transformar vidas, e convidar homens e mulheres a prepararem-se para a breve vinda de Jesus.

Voltemos por um instante ao diálogo entre Jesus e Seus aturdidos pais. «Disse-Lhe Sua mãe: Filho, por que fizeste assim para conosco? Eis que Teu pai e eu ansiosos Te procurávamos.» Mas Jesus disse: «Por que é que Me procuráveis? Não sabíeis que Me cumpria estar aqui no templo, na casa de Meu Pai?»

Estamos nós onde o Senhor deseja? Estamos usando nossos talentos e tempo de modo a glorificá-lo e a trazer bênção e salvação aos outros? Para o cristão não existe a chamada «mesma vida de sempre» ou actividades rotineiras. Quando saímos da «festa» voltamos ao trabalho real de filhos e filhas de Deus.

Há quase um ano tive a oportunidade de visi-

(Continua na pág. 19)



NEAL C. WILSON

Presidente
da Conferência Geral

Preservação e Custódia dos Manuscritos de Ellen G. White - II

Élbio Pereyra

Nos escritórios das «Publicações E. G. White» há muito trabalho de rotina. Trabalham ali um secretário, três secretários-associados e dois secretários-assistentes.* Algumas das tarefas rotineiras são as seguintes: (1) Responder a perguntas que chegam, pessoalmente ou por carta, dos mais diversos lugares do mundo. Nos arquivos do Patrimônio White há um material de grande valor prático. Tanto as perguntas como as respostas que chegam são classificadas sob um título geral de «Perguntas e respostas». Trata-se de alguns arquivos em permanente crescimento. Muitas das indagações que chegam aos escritórios se repetem. Quando uma destas chega, torna-se muito fácil enviar uma cópia da resposta já dada a alguém, com o que se simplifica bastante o trabalho. (2) Sendo que o Patrimônio White é, também, um centro de investigação não só relacionado com os escritos de E. G. White em si, mas também com a História da Igreja, da teologia e outros assuntos, concorrem para lá muitos pastores e estudantes de Teologia para fins de estudo.

O número de teses doutorais elaboradas com base nas investigações realizadas em Washington, ou em outros centros dependentes daquele, somam já dezenas. Os estudantes são guiados e orientados por membros do pessoal de Publicações White. Existe uma regulamentação definida em relação ao uso dos materiais nos diversos centros. Tão logo haja cumprido os requisitos para realizar estudos, o investigador recebe os materiais específicos para seu tema, como também uma explicação do contexto do material que lhe é confiado. Terá acesso a certos recintos, mas nunca aos arquivos dos manuscritos. Tudo isso é feito para resguardar e manter a integridade dos materiais ali conservados.

(3) Em 1973 apareceram certos documentos, superando a casa de 40, principalmente cartas de E. G. White escritas a uma amiga íntima, Lucinda Hall. Foi necessário determinar se eram autênticos. Esta é outra das tarefas que se realizam nas Publicações White.

No referido caso, todo o material era autêntico. O autor deste artigo teve a oportunidade de observar todo o material e ler detidamente algu-

mas das cartas. O Pastor Arthur White está escrevendo uma biografia de Ellen G. White e fará referência a alguns assuntos mencionados nas cartas que são questões muito interessantes. Revelam aspectos da vida de E. G. White como esposa, mãe, dona de casa e amiga.

(4) Continuamente há necessidade de preparar novos livros, como também compilações de citações para algum fim determinado; há necessidade de verificar as referências nos trabalhos de investigação realizados por diferentes pessoas e uma quantidade de outras tarefas rotineiras. A Associação Geral costuma pedir materiais para auxiliar as comissões que tratam em assuntos de importância para a igreja mundial. É isto um exemplo dado pela Associação Geral, digno de ser imitado pelas Divisões, Uniões, Associações e Missões e mesmo pelas igrejas, bem como as instituições.

Quando, há algum tempo, se debatia o assunto da remuneração dos obreiros regulares da igreja, preparou-se um trabalho de 59 páginas no qual apareciam declarações sobre esse particular que iluminaria com princípios, principalmente os grupos que considerariam o assunto, para fazerem recomendações à assembleia. Seu título é: «Princípios que devem governar a remuneração dos obreiros adventistas do sétimo dia». Não faz muito tempo debatiam-se, e ainda se debatem em alguns círculos adventistas, temas tais como justificação pela fé, o divórcio, o novo casamento de divorciados, etc. O Pastor R. Olson, secretário do Patrimônio White, preparou um excelente trabalho no qual reuniu uma grande quantidade de declarações acerca da justificação pela fé. O mesmo fez em relação com o segundo assunto num estudo que teve por título, «Ellen White, o Divórcio e o Novo Casamento», que consta de 16 páginas de citações. Tudo isso foi encaminhado aos grupos que haveriam de debater esses assuntos específicos, que chegaram a constituir preocupação em alguns círculos da igreja, e cujo debate foi confiado a comissões especiais da Associação Geral. Assim, a igreja recebe, constantemente, a influência dos conselhos do Senhor sobre os mais variados assuntos. O Patrimônio White cumpre assim com sua missão de auxiliar a igreja e mantê-la à altura do legado de inestimável valor para a igreja remanescente.

Levantam-se Outros Centros

Durante muito tempo a igreja dispunha de somente um centro, com sede em Washington. Com o advento dos problemas próprios das guerras, particularmente a guerra atômica, não faltaram preocupações com relação à conservação dos materiais mantidos na capital norte-americana. Não poderia, por acaso, ser um dia bombardeada Washington correndo-se assim o risco da perda de todos esses materiais? Decidiu-se, então, preparar cópias microfilmadas dos documentos, arquivos de manuscritos, livros, artigos, cartas,

enfim, de todo o material existente e sepultá-lo no coração do continente norte-americano, numa zona considerada como militarmente não estratégica. Posteriormente foram estabelecidas filiais em diversos lugares e continentes. O primeiro centro, fundado em 1961, beneficiou o Seminário Adventista em Berrien Springs, Michigan. O segundo foi o Centro de Investigação Adventista E. G. White, do Newbold College, Inglaterra, que serve à Europa. Um terceiro foi estabelecido na Universidade de Loma Linda, na Califórnia. Austrália foi o último lugar.

Os materiais para o Centro de Investigação Adventista Sul-Americano E. G. White estão já nas dependências do Colégio Adventista do Prata, Entre Ríos, Argentina. Está sendo erguido um edifício de três andares para administração, biblioteca, Home Study Institute e o Centro de Investigação White. O Centro será inaugurado no dia 9 de setembro deste ano, com a presença de Paul Gordon, secretário-associado do Patrimônio White, e da Sra. Edwig Jemison, curadora do Centro estabelecido na Universidade de Andrews. Esta última, por sua longa experiência, teve a seu cargo a organização e orientação dos novos centros. Na mesma data, ambos os representantes do White Estate participaram da abertura dos centros. Ambos os representantes do White Estate

participaram da abertura do centro de investigação que será estabelecido no Instituto Adventista de Ensino, São Paulo, Brasil, que possuirá praticamente todos os materiais históricos e as revistas denominacionais dos centros com a única exceção dos manuscritos de E. G. White. O diretor do centro sul-americano é o Dr. Humberto Raúl Treiyer, que exerce o magistério de Teologia no mesmo Colégio Adventista do Prata.

O Centro Adventista Sul-Americano de Investigação E. G. White é uma dependência do Patrimônio White, cujos materiais lhe pertencem. Seu funcionamento estará regido pelos mesmos princípios sobre os quais funcionam todos os centros dependentes do Patrimônio White. Trata-se, pois, de uma extensão que vem beneficiar o território da Divisão Sul-Americana, parte da Igreja Universal, a qual tem sido, em sua totalidade, favorecida com uma manifestação tão rica do dom profético.

* «Ellen G. White Publications» é o nome que recebe em inglês a parte física do Patrimônio White. Publicações White, pois, é uma propriedade do Patrimônio White. Sua direção está a cargo do Dr. e Pastor Robert W. Olson, que actua como seu secretário. Assistem-no nos trabalhos três secretários-associados, que são: D. A. Delafield, Paul A. Gordon e E. Pereyra; dois secretários-assistentes, que são Don E. Mansell e R. D. Graybill e uma equipe de eficientes secretárias. Os escritórios estão localizados no edifício principal da Associação Geral.



Pastor Ernesto Ferreira

Deixa a partir deste número de ser o responsável pela Revista Adventista o Pastor Ernesto Ferreira que durante muitos anos deu a sua melhor colaboração ao órgão oficial da nossa Igreja em Portugal, como seu responsável.

O trabalho realizado pelo Pastor E. Ferreira nesta Revista perdurará. Pensamos continuar a tê-lo como colaborador assíduo. A sua competência continuará a ilustrar estas páginas.

Ele irá dedicar a sua actividade de uma maneira particular ao melhoramento da Revista Saúde e Lar.

Ao Pastor E. Ferreira os nossos agradecimentos pela sua leal e constante colaboração e os votos de que o Senhor o continue a usar por longos anos ao serviço da página impressa em Portugal.

J. A. Morgado

A Arqueologia Elucida os Métodos de Crucifixão

O âmagô da mensagem cristã de salvação é a crença num Salvador crucificado e ressurrecto (Atos 4:8-12). Nesta doutrina fundamental, o cristianismo difere consideravelmente de outras religiões antigas e modernas. Que o Messias Se rebaixasse a Si mesmo, tomando sobre Sua própria Pessoa a culpa do pecado da humanidade e aceitando seu castigo a fim de salvar os homens caídos, era tão estranho ao pensamento dos antigos que mesmo os que viveram intimamente com Jesus durante vários anos e ouviram constantemente Seus ensinamentos não puderam compreender nem aceitar uma ideia tão estranha.

Os judeus esperavam o Messias para subjugar os romanos e estabelecer um reino terrestre. Até os próprios discípulos de Jesus partilharam dessas expectativas a despeito dos claros ensinamentos de seu Mestre em sentido oposto. Só depois que o Espírito Santo lhes iluminou a mente, após a ascensão de Cristo, Sua morte tornou-se compreensível a eles. Em contraste com isso, os pagãos acreditavam que a vida eterna provavelmente lhes adviria através de mágica ou que os deuses simplesmente lhes perdoariam os pecados se realizassem boas obras ou cumprissem a correcta espécie de cerimónias e actos religiosos, mas nenhum pagão cria ou esperava que um deus se tornasse um ser humano e levasse sobre si o pecado da humanidade.

Uma das mais profundas declarações teológicas no tocante ao envolvimento de Cristo no desempenho do plano da salvação provém da pena do apóstolo Paulo. Paulo foi indubitavelmente o maior teólogo e mais profundo pensador dentre os escritores do Novo Testamento. E algumas de suas declarações mais significativas estão engastadas nas cartas que ele escreveu durante seu encarceramento em Roma — cartas essas que comumente recebem a designação de «Epístolas da Prisão».

Uma dessas declarações é Filipenses 2:5-8. (Como evidência de que foi escrita num cárcere romano, leia-se o cap. 1:13.) Nesta passagem Paulo nos aconselha a pôr a mente em sintonia com a mente de Cristo (Cap. 2:5). Ele nos diz que Cristo «a Si mesmo Se esvaziou» (v. 7) quando passou

da «forma de Deus» para «a forma de servo» (vs. 6 e 7). A palavra grega *kenoo*, vertida por «Se esvaziou» pelos tradutores da *Edição Revista e Atualizada no Brasil* («aniquilou-Se», na Versão Almeida, antiga), também pode ser traduzida por «tornou-Se inválido», «despojou-Se», «destruiu-Se», «privou-Se de algo». Todos estes significados devem ser levados em consideração ao falarmos da encarnação de Cristo. Parece que Paulo, ao usar esse vocábulo — *kenoo* — de muitas significações, desejava transmitir a ideia de que sem reserva alguma Jesus deixou tudo atrás de Si quando veio à Terra, e tornou-Se um servo.

A palavra grega *doulos*, traduzida por «servo» no verso 7, tem realmente o significado de «escravo» na literatura grega, e não denota um homem que se contrata como servo. Afigura-se, portanto, que o apóstolo Paulo, nesta passagem, deseja que seus leitores compreendam quão imenso foi o contraste entre a existência pré-terrestre de Jesus e Sua posição sobre a Terra. Ele passou da forma mais elevada existente no Universo — a do próprio Deus — para a mais baixa forma de existência entre a humanidade caída — a forma de escravo. Nasceu num estábulo e jamais possuiu o suficiente para ter um lugar em que reclinar a cabeça. Lavou os pés de pescadores comuns e foi sepultado num sepulcro emprestado.

Além disso, visto que o plano da redenção requeria que Cristo pagasse a pena do pecado com Sua morte, Ele escolheu a mais baixa, a mais horrível e a mais ignominiosa espécie de morte conhecida naquele tempo — a morte de cruz como criminoso condenado. Afigura-se que Ele, como Filho de Deus, poderia com facilidade ter tomado providências para morrer de modo menos repulso, menos desordenado e menos vergonhoso do que a crucifixão. Em vez disso, escolheu uma forma de morte que demonstraria a todo o Universo que Ele não somente estava disposto a passar pela mais baixa condição de vida humana na Terra, mas também a sofrer a pior morte possível no fim dessa vida. Deste modo seriam acentuados ao mesmo tempo a enormidade do pecado e o profundo amor de Deus pela humanidade caída.

Dr. Siegfried H. Horn —
Ex-Presidente do Departamento do Velho Testamento no Seminário Teológico ASD, em Berrien Springs, Michigan, e Decano desse mesmo Seminário.
Actualmente está empenhado na redacção de obras de pesquisa.

Assine e divulgue a

Revista Adventista

QUE ACONTECIA COM OS QUE ERAM CRUCIFICADOS?

Para os homens e as mulheres do século vinte, a cruz é um símbolo honroso. As cruces são altiva e proeminentemente ostentadas nas casas de culto, recebem lugares ou púlpitos no interior de igrejas, e são usadas como valiosos pendentes, em colares, por muitos leigos e clérigos cristãos. Todos os cristãos consideram a cruz um emblema de triunfo e vitória, pois simboliza o triunfo e a vitória do Salvador sobre o pecado e a morte.

Gratos pelo que o Filho de Deus fez por eles, os cristãos raras vezes se detêm a pensar sobre os sofrimentos do Redentor por Ele suportados na crucifixão. Não tendo jamais presenciado tal suplício, têm apenas uma vaga compreensão do horrível e cruel tipo de morte experimentado por Jesus.

Eu mesmo, desde a infância, tenho sido grato a meu Salvador pelo que Ele sofreu por mim e tenho cantado com outros cristãos tais hinos como: «Rude Lenho se Ergueu»; «Quero Estar ao Pé da Cruz»; e «Ao Pensar na Dor Crucial», mas nunca compreendi plenamente o que deve ter significado para o Filho de Deus, o Criador do Céu e da Terra, estar suspenso em ignomínia e dor naquela cruz, na longínqua Palestina, até que li o livro *Crucifixion* («Crucifixão»), de Martin Hengel (Filadélfia, 1977), o qual versa sobre a história, as particularidades e outros aspectos desse antigo modo de execução. A leitura desse livro abriu-me os olhos e levou-me a ser muito mais agradecido a meu Salvador por Seu inexprimível amor pelos degradados seres humanos.

Consideremos o que é conhecido a respeito da crucifixão no período do Império Romano, durante o qual Jesus Cristo viveu e morreu. A origem da crucifixão como forma de execução não é clara. Tanto os persas como certas tribos bárbaras, como os citas, durante a segunda metade do último milénio antes de Cristo, podem ter iniciado essa forma cruel de matar uma pessoa. Por ocasião do nascimento de Cristo, a crucifixão havia sido adotada pelos romanos e era usada em todas as partes do império para executar escravos fugitivos, criminosos estrangeiros, piratas e políticos em países subjugados. Os cidadãos romanos estavam, porém, isentos pela lei de sofrerem essa pena de morte, a qual, em todas as partes do mundo antigo, era considerada a mais severa, horrível e vergonhosa forma de execução.

As pessoas condenadas a serem crucificadas eram primeiro cruelmente açoitadas. O instrumento usado para isso era um objecto de punição assaz impiedosa. Consistia de quatro ou cinco bolas de chumbo atadas com correntes a um cabo de madeira. De cada bola, que tinha uns dois centímetros de diâmetro, saíam em todas as direções pequenos espinhos de ferro. Esse cruel instrumento, com o qual eram laceradas as costas despidas da

pessoa condenada a ser torturada, não somente lhe fendia a pelo, mas também lhe dilacerava os músculos e tecidos; e, se fosse usado em excesso, poderia facilmente levá-la à morte. Por esse motivo, os soldados aplicavam os açoites a uma pessoa condenada à crucifixão tinham o cuidado de não matá-la e certificavam-se de que estaria suficientemente viva e consciente para sofrer as agonias da crucifixão que viriam em seguida.

Durante o quarto período de escavações em Heshbon, dirigidas pela Universidade Andrews, foi descoberta uma bola de fustigação com suas farpas e corrente. Lembro-me de como senti um estremecimento quando segurei este cruel objecto depois de ter sido desenterrado. Perguntei a mim mesmo: Quantas costas de vítimas infelizes será que foram dilaceradas por essa pequena bola? A Bíblia só menciona dois casos de fustigação: um em conexão com a crucifixão de Cristo, quando realmente foi executada (S. Mat. 27:26; S. Mar. 15:15; S. João 19:1), e o outro em conexão com a prisão de Paulo em Jerusalém, quando deixou de ser aplicada pelo facto de Paulo haver informado ao tribuno que ele era cidadão romano, não podendo portanto ser açoitado legalmente (Atos 22:24-29).

Após o açoitamento, o condenado, sangrando profusamente, era conduzido ao local da execução. As crucifixões sempre eram efetuadas em estradas movimentadas ou em praças públicas, para que o maior número de pessoas possível presenciasse a própria execução ou pelo menos visse os supliciados nas cruces, em sua agonia e vergonha, à medida que iam passando. Isso porque essa forma de morte destinava-se a ser um meio de repressão.

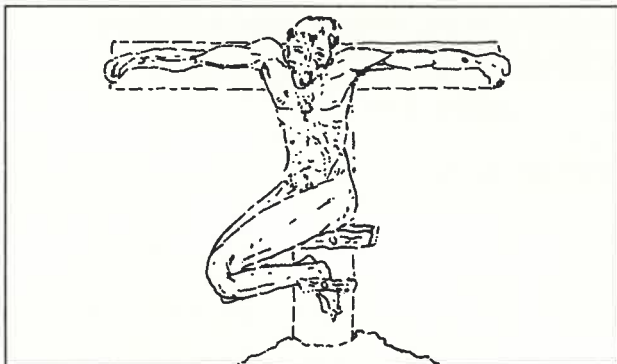
As vítimas de crucifixão eram despojadas de todas as suas roupas e, assim despidas, penduradas entre o céu e a terra, para ridículo e vergonha pública. É evidente, portanto, que os antigos consideravam tal espécie de execução não somente a mais horrível, mas também a maneira de morrer do modo mais degradante e ignominioso. O famoso estadista romano, Sêneca, relata que soldados desalmados e sádicos às vezes chegavam até a atravessar com pregos as partes pudendas de homens crucificados. Jesus não ficou livre da vergonha de ser despojado de Suas vestes, antes da crucifixão, conforme indicam todos os quatro autores dos Evangelhos (S. Mat. 27:35; S. Mar. 15:24; S. Luc. 23:34; S. João 19:23 e 24). Os artistas, em suas representações da crucifixão, sempre têm aiosamente coberto a Jesus com uma tanga. Os Evangelhos também nos informam que, mediante a escuridão, Deus, o Pai retirou misericordiosamente a vergonhosa cena sobre o Gólgota do exultante olhar dos inimigos e espectadores durante as três últimas horas da vida de Jesus (S. Mat. 27:45 e 46; S. Mar. 15:33; S. Luc. 23:44).

Conquanto milhares de artistas, no decorrer

de muitos séculos, tenham produzido inúmeros quadros e esculturas do Cristo crucificado, poucos — se é que houve alguns — desses artistas ou escultores presenciaram uma crucifixão real, visto que tais execuções deixaram de ser realizadas no quarto século. Não podemos ter certeza, portanto, de que essas representações apresentam um quadro autêntico do que realmente aconteceu. Por esse motivo, foi de grande significação que em 1968, num sepulcro, perto de Jerusalém, se descobriram os ossos de um homem crucificado. Essa constitui a primeira vez que se desenterraram tais restos mortais de tempos antigos.

Os ossos eram os de um homem de 24 a 28 anos de idade. Seu nome, escrito em caracteres hebraicos no ossuário (receptáculo de ossos), era Jehohanan, o equivalente hebraico do nome de João, em português. A análise dos ossos revela que esse homem jamais se empenhou em trabalho manual pesado, podendo, portanto, ter sido membro de uma família abastada ou um mestre-escola, o qual talvez tenha sido executado por causa de actividades políticas anti-romanas. A evidência arqueológica indica que sua morte ocorreu no primeiro século A.D., mas antes da primeira guerra judaico-romana, e, por conseguinte, durante a vida de Cristo ou não muitos anos depois.

Ambos os ossos calcâneos se achavam transfixados por um grande cravo de ferro, e as tíbias foram quebradas antes de ser removido da cruz, ao pôr do Sol, porque já havia morrido (S. João 19:31-33). A descoberta mais inesperada foi ver que as pernas de Jehohanan haviam sido vergadas de lado, e que o cravo fora fincado do lado esquerdo, através do calcanhar esquerdo, e então também através do calcanhar direito, do lado esquerdo para o lado direito. Não sabemos se esse processo era seguido em todas as ocasiões, nem se Cristo foi crucificado dessa maneira. Cravar-lhe os pés à cruz desse modo certamente aumenta a agonia do condenado, pois logo ocorriam câibras em suas pernas torcidas e imóveis.



O esqueleto de Jehohanan revelou claramente que os cruéis carrascos do tempo de Cristo parecem ter usado toda a sua capacidade inventiva para tornar as derradeiras horas do condenado as mais dolorosas e insuportáveis possível.

A LOUCURA DA MENSAGEM DA CRUZ

Havendo descrito os horríveis processos adotados nas crucifixões nos tempos romanos, consideremos agora o que significa crer num Salvador crucificado e anunciá-lo como tal a um mundo incrédulo. No mundo antigo, certamente não era fácil pregar ou aceitar uma religião que abrangia a crença num Deus que fora executado da maneira mais ignominiosa possível, como criminoso condenado à morte. O apóstolo Paulo, depois de longos anos de pregação como ministro cristão, refere-se a essa dificuldade em I Coríntios 1:18 e 23, dizendo que a pregação «da cruz» ou de «Cristo crucificado» era *skandalon* para os judeus e *moria* para os gentios.

Consideremos os dois vocábulos gregos que eram usados pelos judeus e gentios para identificar o cristianismo. A palavra *skandalon* foi traduzida por «pedra de tropeço» na Versão do Rei Tiago, e *moria* por «tolice». *Skandalon*, da qual deriva a palavra «escândalo» em português, também significa «ofensa», «objecto de ira» e «mancha», segundo os dicionários gregos. Todos esses termos são apropriados ao que Paulo quer dizer. Por outro lado, a Palavra *moria* significa, de acordo com os dicionários do grego antigo, «disparate», «loucura» e «absurdo».

Coloquemo-nos agora em lugar dos judeus do primeiro século e vejamos o que eles achavam a respeito da religião cristã. Os próprios judeus, bem como os não-judeus residentes nas cercanias, consideravam o cristianismo uma espécie de movimento judaico sectário. As razões para isso podem ser compreendidas com facilidade quando nos lembramos de que seu fundador, Jesus Cristo, era judeu, que a maioria dos membros da primeira geração desse movimento e seus dirigentes eram judeus e que seu Livro sagrado, o Velho Testamento, no qual eles baseavam suas crenças e ensinamentos, era a Bíblia Judaica. Não era um escândalo que existisse tal movimento, uma contínua fonte de embaraço para a nação judaica, que florescesse uma seita considerada pelo povo como parte da religião judaica em geral e que ensinasse tão absurda doutrina de fé como a que era propagada pelos missionários cristãos? Para os judeus, de Roma a Jerusalém e em todas as regiões de permeio, o cristianismo era uma «mancha» para sua própria nação e um «objecto de ira». É compreensível que para eles constituísse um verdadeiro escândalo que cristãos de posse da Bíblia Judaica pregassem e adorassem um Deus que morrera como criminoso condenado. Isto e muito mais é abrangido pelo que o apóstolo Paulo queria dizer ao informar que a pregação de Cristo crucificado era *escândalo* para os judeus.

Tendo procurado colocar-nos em lugar dos judeus do tempo de Paulo, procuremos agora co-

locar-nos em lugar de gentios instruídos, quer fossem gregos ou romanos. Não constituía um disparate crerem num Deus que havia sido um homem comum e morrerá como criminoso condenado? É verdade que nas mitologias gregas e romanas, semideuses viveram na Terra e alguns deles morreram, mas não se tem conhecimento de nenhum deus ou herói grego ou romano que tenha chegado a sofrer a vergonhosa morte de um criminoso comum condenado por um tribunal terrestre.

Em tudo o que foi preservado dos séculos de história grega e romana, só é mencionado um herói que possivelmente tenha sido crucificado. Se os boatos de que ele foi crucificado são verídicos, essa forma de morte sobreveio injustamente. Trata-se do general romano M. Atilius Regulus, capturado pelos cartagineses durante a Primeira Guerra Púnica. Sendo enviado a Roma pelos seus captores, a fim de negociar um tratado de paz, ele estimulou o senado a permanecer firme e levar a guerra à vitória. Havendo prometido retornar depois de sua missão, ele o fez e foi-lhe imposta uma morte cruel pelos decepcionados e furiosos cartagineses. De acordo com algumas fontes, ele foi crucificado, pois essa era a forma de execução mais comum em Cartago. O doutor da Igreja, Tertuliano, aludiu a esse episódio na história romana para indicar a seus oponentes pagãos que um herói pode ter inocentemente uma morte vergonhosa e ainda merecer ser honrado e respeitado. Regulus era, porém, um herói humano, e sua morte não poderia com razão ser comparada à de Cristo. Portanto, para os pagãos que viviam no tempo de Paulo, era simplesmente «ridículo», «absurdo» e «insensato» — usando alguns dos significados contidos na palavra grega *moria* — considerar Jesus Cristo crucificado como o Filho de Deus e o Redentor do mundo.

Esse desprezo pelo cristianismo é reflectido na primeira menção dos cristãos por um escritor pagão de que há notícia. Falando do incêndio de Roma no tempo do Imperador Nero e de como os cristãos foram acusados de serem os causadores, Tácito, o historiador romano, diz o seguinte: «Aquele do qual se originou esse nome [cristão], Cristo, foi executado durante o reino de Tibério pelo procurador Pôncio Pilatos; e essa superstição que havia sido debelada irrompeu novamente não só na Judeia, a pátria dessa maçada, mas também na capital [Roma].» — *Annales*, 15.44.

Outra evidência que revela o desprezo manifestado aos cristãos por seus contemporâneos em virtude de sua religião «disparatada», provém do palácio imperial de Roma. Esse palácio estava situado na Colina Palatino, contíguo ao famoso Forum Romanum. Ali encontravam-se tais edifícios sumptuosos como o Domus Augustana e o Domus Flavia, estruturas profusamente mobiladas erigidas respectivamente pelos imperadores Augusto e Domiciano. Nesse conjunto arquitetónico houve

uma importante descoberta que tem que ver com o nosso assunto.

Durante as escavações levadas a efeito na parte interna desses edifícios, descobriu-se um rústico desenho feito no reboco de uma parede. Apresenta uma pessoa crucificada, com a cabeça de um asno, e diante dessa pessoa há um homem em pé, com os braços erguidos, em atitude de adoração. Na parte inferior há uma inscrição em grego, a qual declara: «Alexamenos adora seu deus.» Admite-se em geral que isso constituía uma caricatura em que outros servos no palácio ridicularizavam um de seus colegas cristãos. Nada pode ilustrar melhor quanta zombaria os cristãos tiveram de suportar no mundo romano pelo facto de serem numa religião que para seus contemporâneos se afigurava um disparate, uma loucura, um absurdo e uma tolice.

Toda pessoa que visita Roma não somente deveria ir às catacumbas para ver onde os cristãos primitivos sepultavam seus mortos, e à Prisão Mamertina na qual, segundo a tradição, o apóstolo Paulo esteve preso, mas também ao Antiquarium, o museu na Colina Palatino, e olhar para o rústico desenho usado para ridicularizar um humilde servo do palácio. Verá assim com os próprios olhos uma evidência do que significa ser cristão na época apostólica e pós-apostólica.

A CRUCIFIXÃO ABOLIDA POR CONSTANTINO

No tempo de Constantino a cruz transformou-se repentinamente de um símbolo de vergonha, num símbolo de honra e vitória. Foi assim: Constantino adotou o cristianismo como resultado de um sonho no qual, segundo suas alegações, ele foi instruído a guerrear contra os seus inimigos sob o emblema da cruz. Quando sua aventura se tornou vitoriosa, ele colocou a cruz nos seus estandartes militares. Depois disso não parecia ser apropriado continuar com a execução de criminosos por crucifixão. Ele substituiu portanto a crucifixão pelo enforcamento, e ela nunca mais foi reinstituída no mundo ocidental. Só em países não cristãos do Extremo-Oriente é que a crucifixão perdeu até o início do século dezenove.

Os cristãos da actualidade, que jamais presenciaram o suplício da crucifixão, são incapazes de compreender plenamente a agonia e a vergonha da cruz que Cristo suportou em nosso favor. Conviria que passassem de vez em quando algum tempo meditando nesse grande acontecimento que ocorreu há quase dois mil anos na longínqua Palestina. O tempo gasto dessa maneira é muito bem empregue. Por um lado, torná-los-á mais cientes da enormidade e hediondez do pecado que requereu que o Filho de Deus sofresse semelhante morte; e, por outro lado, aprofundará sua gratidão pelo que efetuou em seu favor.

«Torne-se a cruz de Cristo a ciência de toda a educação, o centro de todo o ensino e de todo o estudo.» — Testimonies, vol. 8, pág. 320.

SATISFAÇÃO

Betty Holbrook

A MULHER NO TRABALHO. Que vos faz imaginar esta frase? Uma profissional bem sucedida, vivendo uma vida realizada e feliz? Ou vê uma mulher operando uma máquina perfuradora oito horas por dia? Ou vê aquela que, sentada atrás de uma secretária, escreve cartas ou copia aquilo que nada tem de seu? Ou até aquela mulher que sempre sonhou em tratar de doentes mas que acabou por se ver a preencher intermináveis formulários ou receitas?

Por muitos anos fomos impelidos a ver apenas a primeira imagem — realização, valorização, sucesso. Foi-nos dito que só «lá fora» poderíamos encontrar a felicidade. E havia estatísticas e sondagens de opinião a prová-lo.

No entanto, há agora provas dadas por vários levantamentos nacionais que fazem explodir esse mito. O esforço feito para reforçar os resultados de sondagens de opinião que davam a mulher trabalhando fora de casa, como mais satisfeita com a vida, do que a dona-de-casa foram, portanto, infrutíferos. Na realidade, no período compreendido entre 1971 e 1976 não houve uma diferença significativa entre as mulheres que trabalham fora e as que são donas-de-casa, no que respeita à satisfação que tiram da vida.

Do que nós temos de compenetrar-nos é que ambos os cargos têm custos e benefícios. Alguns dos pontos positivos das mulheres empregadas são: Beneficiar de um vencimento extra e gozar do sentimento de independência que isso lhe traz; sair de casa mais vezes e contactar com mais pessoas do que a sua contra-parte que fica em casa; e se ela tem um emprego interessante e competitivo ao qual ela pode levar uma destreza especial, há como resultado um sentimento de satisfação e realização.

Mas, sejam quais forem os pontos positivos, há também alguns negativos: ela terá uma vida muito mais agitada, menos tempo para si própria, e a vida muito mais complicada. Ela poderá

descobrir que as suas energias não serão suficientes para satisfazer as necessidades da casa e do emprego e de que um deles ou ambos se ressentirão. Os sentimentos de culpa e insuficiência que daí resultarão podem ser um tanto acabrunhantes.

Em contraste com a esposa que trabalha, a dona-de-casa poderá sentir que a vida lhe é um pouco menos complicada (certamente muito mais fácil do que manter a casa e o trabalho em movimento!) Ela terá mais horas para usar a seu bel-prazer. E ela poderá descobrir que o seu trabalho em casa é bastante competitivo e que poderá aplicar nele uma destreza toda especial.

No lado negativo do trabalho a dona-de-casa achará, tal como a operadora da máquina perfuradora ou a dactilógrafa que copia página após página, que muito dele é apenas rotina e repetição. Um cesto de roupa suja vazio não fica sempre assim, tal como o não ficam os estômagos cheios. Há também algo no cheque de pagamento que nos faz sentir apreciadas a valorizadas. Uma dona-de-casa, a não ser que tenha um marido sensato e compreensivo, perderá essa sensação.

O que uma última sondagem realça, contudo, é o facto de, num todo, as donas-de-casa serem tão felizes quanto as que estão empregadas, e porque havemos de negá-lo? Eu concordaria.

Eu tenho a sensação de que uma esposa dona-de-casa que seja realmente feliz e satisfeita no seu lar, provavelmente, se houvesse verdadeira necessidade, seria igualmente feliz trabalhando fora de casa. Seria o inverso também uma realidade?

Só encontramos felicidade se nos propusermos procurá-la deliberadamente. Paulo disse que ele tinha «aprendido... a contentar-se» (Fil. 4:11). E então compartilhou o seu segredo: «Posso tudo n'Aquele que me fortalece» (verso 13).

A força — e a felicidade — estão presentes quando realmente sabemos estar a fazer a Sua vontade.

Israel, um Povo Escolhido

Sidônio Lança

ALUNO DO COLÉGIO ADVENTISTA
DE SAGUNTO

Quando nos introduzimos no estudo ou na simples leitura da história antiga, desde logo são evidentes os feitos, a vida e costumes de um povo que tem atraído a atenção tanto de Historiadores como de Sociólogos, devido à sua particular forma de viver e proceder.

Israel tem sido classificado por alguns como nação rara e misteriosa.

Segundo Ernesto Renan no seu livro «História do Povo de Israel», não há mais que 3 histórias verdadeiramente interessantes no passado da humanidade: A Grega, a Romana e a de Israel.

Se destas 3 civilizações saíram as bases para a nossa ciência, nossa arte, nossa literatura, nossa filosofia, nossa moral e nossa política, de uma maneira particular de Israel chegou-nos a Bíblia, livro que encerra o pensamento e planos de Deus para que o homem reencontre o caminho da vida eterna.

Povo marcado pela sua espiritualidade na adoração monoteísta ao Deus criador, desde sempre se contrastou com as demais nações. Impulsionados por esse sentimento e percepção de se sentirem escolhidos, os Israelitas organizaram-se como nação, compreendendo que assim surgiam não por méritos próprios, mas pela promessa de Deus feita a Abrão, seu ancestral.¹

Muito mais tarde após a morte do patriarca José, ao saírem do cativeiro Egípcio os Israelitas associaram a vida social à vida religiosa visto a lei do concêrto ter sido dada por ordem divina tal como a lei moral, formando assim o conceito de Lei que lhes foi legada na Torah através de Moisés.

A fé de Israel baseava-se essencialmente numa teologia da história, tinham a consciência de que os seus feitos não eram apenas história, senão história aprovada e conduzida por Deus. Sabiam que o próprio Jeová como general dos seus exércitos os conduzia à vitória, afim de perpetuar e perseverar as santas normas que lhes confiou como povo escolhido e santo aos Seus olhos.²

Um povo dividido

Desde a sua formação que Israel foi governado em teocracia. Isto é: Jeová o seu rei. A ligação entre governador e governados era assegurada pelos profetas, aos quais Deus comunicava a sua vontade e seu planos.

Quando na velhice do profeta Samuel o povo exigiu um Rei que governasse entre eles, saindo a fazer as suas guerras tal como todos os outros reinos da terra, Israel perdeu toda a confiança em Deus e em seu governo teocrático, para trocá-lo pela monarquia e confiar num homem. Esta atitude trouxe-lhes grandes maldições de que ainda hoje os Judeus se lamentam. Divididos entre si e afastados do propósito de Deus, viram o seu reino partido em dois: Israel e Judá; devido a esta atitude foram ocupados e levados cativos para terras distantes.

É aqui que surge a pergunta: Sendo Israel escolhido, porque é hoje rejeitado?

Esta é uma questão à qual não se pretende dar uma resposta completa numa abordagem tão sumária do tema. Mas podemos facilmente concluir de todo o desenlace profético sobre o povo de Israel segundo a Bíblia e em especial do Antigo Testamento, que a missão deste povo não era só ser separado para ser santo e viver como tal, mas paralelamente dar testemunho da sua fé.³

Se na sua 1.^a missão falharam, quanto à vivência pela fé, na 2.^a passou-se o mesmo negando colaborar com Deus afim de O tornarem conhecido a todos quantos os rodeavam.

Um povo ingrato e rebelde

Aqui entra um elemento importante na sua história como povo escolhido, do qual se depreende que Deus interfere e actua na história das nações criando as circunstâncias adequadas para levar a bom termo os seus planos.

Este elemento a que podemos chamar de veículo de educação para Israel, é o Cativeiro. Este está intrinsecamente ligado à 2.^a tarefa que lhes foi confiada e que o Senhor teve de cumprir. Foi unicamente por meio deste processo que Egípcios, Assírios, Caldeus, Medo-Persas, Gregos, Romanos e o mundo em geral veio ao conhecimento de Deus único e criador.

No que se refere à 2.^a missão relacionada com uma vida de fé e esperança, caíram no legalismo apegando-se às obras, tentando a justificação pela sua conduta (aparentemente) obediente e sã. Este afigura-se-nos não um problema de índole pessoal mas concretamente da responsabilidade de um povo que no seu conjunto foi chamado e escolhido para ser santo!

A maioria dos Israelitas não chegaram a ver no ritual do Santuário o verdadeiro significado do sacrifício e da vítima — O Cordeiro de Deus e sua morte expiatória profetizada já no 1.º livro da Lei.⁴

Como conclusão pode dizer-se que em toda a história da nação judaica, transparece o chamado do Senhor, até si:

- 1.º — para torná-los Seu Povo.
- 2.º — para educá-los em Santidade.
- 3.º — para adverti-los e de novo os chamar à reconciliação e ao arrependimento.

Do resultado final da históriografia do Antigo Testamento, ressalta a ideia de que tendo possuído Israel todos os meios de salvação, acabou elegendo a Morte. Através da história da salvação desde os patriarcas até à vinda de Cristo, Deus interfere na história desenvolvendo o seu plano. Mas a decisão de vida ou morte, da aceitação ou rejeição, é de Israel.⁵

«Vós sereis o Meu povo e Eu serei vosso Deus.»

Ainda hoje, apesar da maioria do povo Judeu ter rejeitado o Messias e a sua mensagem, parece ser que têm ainda uma bênção especial! Vivendo dispersos e em precárias condições de segurança, continuam sendo um povo abençoado e diferente; mas lamentavelmente já não escolhidos como nação para testificar do Deus que os elegeu.

Esse Deus que com infinito amor os chamou do cativo Egípcio ao deserto para lhes dizer: «vós sereis o meu povo e eu serei o vosso Deus», não poderá contar mais com essa nação como sua testemunha, devido a esta não ter nada nas suas crenças que os vincule ao Cristo crucificado e uma vez ressuscitado, tornando-se assim o Salvador de toda a humanidade.

No entanto o Senhor providenciou para que a sua obra continuasse; e aqueles doze humildes Judeus que o próprio Deus na pessoa do Seu Filho, chamou para seus discípulos, mantiveram o fio da fidelidade.

«Quereis também vós retirar-vos?»⁶. Estes homens não O abandonaram apesar de Cristo ter testado a sua fé. Devido à atitude firme e consciente impressionada pela presença do seu Mestre, os discípulos permaneceram a seu lado não se confundindo com os seus compatriotas; e é sobre eles que vai cair a responsabilidade de dar continuidade ao plano de Deus na proclamação da Sua mensagem a toda a humanidade.

Mais tarde os encontramos em Jerusalém no meio de uma multidão dando testemunho do Cristo que tinha vivido no seu meio, e subido ao céu prometendo voltar de novo.

A igreja cristã

É aqui que surge a perspectiva de um outro povo para dar cumprimento às missões destinadas à nação Judaica. Este povo é a Igreja Apostólica, a

qual podemos identificar com o primitivo Israel espiritual.

Aquelas palavras de Cristo: «Ide por todo o mundo...» tiveram a partir daqui o seu cumprimento. Aparece Paulo, o missionário para os gentios e o cristianismo que até aqui era um conceito meramente local, expande-se por todo o mundo conhecido de então. Pode dizer-se que esta era a verdadeira nação missionária, com a qual o Senhor contava desde séculos para concretizar os seus planos de renovação e restauração de todas as coisas.

Nação esta, que não estava legalizada sob os conceitos do direito político Romano, mas sim por Deus chamada a ser livre e santa. Conhecida como «...um povo...seu especial, zeloso de boas obras.»⁷ «renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas, vivamos neste presente século sábia e justa e piamente. Aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo...»⁸ tendo a certeza de ser «...raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, afim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.»⁹

Se o Senhor deu ao antigo Israel a responsabilidade de lhes confiar a sua palavra,¹⁰ aos Cristãos dos primeiros séculos chamou-os para semelhante tarefa.

Em meados do século segundo d.C. a Igreja atravessou uma fase difícil.

Os apóstolos tinham desaparecido e proliferava grande confusão de doutrinas não apostólicas que gradualmente se afastavam dos ensinamentos de Cristo.

Impressionados pelo Espírito Santo, os Cristãos dessa época foram movidos a identificar e a recolher os evangelhos e as epístolas apostólicas com o objectivo, que mais tarde se conseguiu, de formar o conjunto dos vinte e sete livros sagrados a que hoje chamamos Novo Testamento, afim de pautar as normas de conduta moral e religiosa para uma Igreja que na sua maioria, se estava desviando da verdadeira doutrina.

Destes primeiros Cristãos podemos dizer que desde o seu estabelecimento, invocando a presença de Deus, tentaram cumprir as missões de que o povo Judeu foi incumbido e rejeitou.

Uma igreja que se afasta de Deus

Transcorridos dezasseis séculos de história, tristemente constatamos que a experiência do antigo Israel se repetiu ao longo dos anos na Igreja Cristã. «Pouco a pouco, a princípio furtiva e silenciosamente, e depois mais às claras, à medida em que crescia em força e conquistava o domínio da mente dos homens, o ministério da iniquidade levou avante sua obra de engano e blasfêmia. Quase imperceptivelmente os costumes do paganismo tiveram ingresso na Igreja Cristã. O espírito de transigência e conformidade fora restringido durante algum tempo pelas

terríveis perseguições que a Igreja suportou sob o paganismo. Mas, em cessando a perseguição e entrando o Cristianismo nas côrtes e palácios dos reis, pôs de lado a humilde simplicidade de Cristo e seus apóstolos, em troca da pompa e orgulho dos sacerdotes e governadores pagãos; e em lugar das ordenanças de Deus colocou teorias e tradições humanas. A conversão nominal de Constantino, na primeira parte do século quarto, causou grande regozijo; e o mundo, sob o manto de justiça aparente introduziu-se na Igreja. Progredia rapidamente a obra da verdadeira corrupção.»¹¹

Através da história da Igreja, relatada nas sete cartas às Igrejas da Ásia no livro do Apocalipse, sabemos que desde o período da Igreja de Éfeso ao de Laodiceia, sempre existiu apostasia mas também existiram aqueles «... que não contaminaram os seus vestidos...»¹² isto é aqueles que não se apartaram do verdadeiro Cristianismo.

É deste pequeno número de fiéis que mais tarde surgem os grandes reformadores como: Wiclef, Lutero, Calvino, Husse e outros, que insatisfeitos com o período de degradação doutrinária em que viviam, diligentemente estudaram as Escrituras, e iluminados pelo Espírito Santo proclamaram as verdadeiras crenças cristãs em proporção à luz que receberam.

Um movimento profético

Destes movimentos reformadores do século dezanove, surge em 1844 um movimento profético como resposta a esse desejo de encontrar mais luz do estudo da Bíblia; no meio da confusão das demais doutrinas ainda que reformadas, divididas e dispersas entre si. A este movimento proclamador da última salvação ao mundo antes da segunda vinda de Cristo, se lhes denominou Adventistas do Sétimo Dia. Este movimento desde o seu arranque na história tem tentado restaurar a essência da verdadeira doutrina que tinha sido legada aos patriarcas na antiguidade e posteriormente aos apóstolos.

Considero que a Igreja Adventista é a herdeira do verdadeiro cristianismo, mantendo fiel o seu critério espiritual através do tempo baseado unicamente na Bíblia.

«A história do antigo Israel é um exemplo fríante da passada experiência dos Adventistas. Deus guiou o Seu povo no movimento Adventista, assim como guiara os filhos de Israel ao saírem do Egipto.»¹³ «O que o Senhor queria ter feito para o mundo por meio de sua nação, terá de fazê-lo mediante a Sua Igreja de hoje.»¹⁴

O remanente da nação judaica

Este povo por Deus considerado o verdadeiro Israel espiritual para esta época, é também chamado «o remanente» ou seja, o restante que hoje permanece fiel sem se misturar com as falsas doutrinas num mundo idólatra, racionalista e tendente ao ecumenismo;

«...aqueles que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus.»¹⁵ ou por outras palavras, aqueles que aceitaram e cumprem a Lei de Deus no seu todo, incluindo a observância do dia do Sábado, e que têm o Espírito de Profecia para os guiar nos últimos dias face aos acontecimentos finais da história da humanidade.¹⁶

Estes dois elementos entre outros identificam o povo Adventista como a Igreja de Deus na terra.

Aqui poderá surgir a pergunta: Com as distintas fases no longo processo da história da redenção, parece que Deus mudou de planos e escolheu outro povo?

Não. Deus não muda. Ele é o mesmo que chamou Israel ao Sinai, e o povo é o restante que permaneceu fiel desde a época patriarcal, com a mesma missão e esperança.

Depois de terem transcorrido quase seis mil anos de história temos a certeza através da Sua palavra, de nos encontrarmos com o mesmo Deus no pensamento e propósito que transmitiu a Abraão, e que nos faz hoje portadores: Proclamar a boa-nova da salvação para que todos creiam n'Ele e sejam salvos.

Oxalá possamos preencher os requisitos de carácter exigidos para este «remanente» e assim a Igreja reviva o dia de Pentecostes para que com o poder impulsor do Espírito Santo possamos terminar a obra que nos foi confiada e abreviar a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Referências

- 1 Gén. 17:1-9
- 2 Deut. 7:6
- 3 Isa. 49:6 (ult. parte)
- 4 Gen. 3:15
- 5 Ver G. von Rad em *Teologia del Antigo Testamento*, Ed. Sigueme — Salamanca 1976 — vol. 2 pag. 386, 387
- 6 João 6:67
- 7 Tito 2:14 (ult. parte)
- 8 Tito 2:12, 13
- 9 1 Ped. 2:9
- 10 Rom. 3:1, 2
- 11 E. White em *Grande Conflito* pag. 46, Casa Publicadora Brasileira, ano 1974, 16.ª edição, S. Paulo, Brasil.
- 12 Apoc. 3:4
- 13 E. White, op. cit. pag. 456
- 14 Jemison em *Creencias Cristianas* pag. 137
- 15 Apoc. 12:17 (ult. parte)
- 16 Ver Apoc. 19:10 (ult. parte)



O Sábado — Repousante, não desgastante

Vicent Q. Tigno, Jr.

A correta observância do sábado envolve mais do que repouso físico e a restauração das faculdades físicas da pessoa. Ela envolve mais do que a satisfação das exigências religiosas de um ritualismo legal.

O sábado traz em si implicações de redenção. Quando o Senhor Jesus Cristo declarou que «o sábado foi feito por causa do homem» (Mar. 2:27) ficou implícito aí que ele foi dado para o bem-estar do homem. «Toda boa dádiva e todo dom perfeito desce de Deus.» Tiago 1:17.

Quando o Senhor dissê: «Não farás nele obra alguma» Êxo. 20:10, deixou implícito:

1. *A necessidade de contracção total.* Se os seres humanos devem ser redimidos, têm de estar dispostos a se deixar conduzir por Deus. E se devem ser assim conduzidos, devem estar prontos a ouvir. E se Deus deve comunicar-lhe eficazmente Sua vontade, então precisarão prestar-lhe completa atenção. Como uma criança, devem cuidadosamente ouvir quando seu Pai fala. Devem conter-se, pondo de lado tudo que estiverem fazendo, de modo que toda a sua atenção seja devotada à presença de seu Pai. Por isto que o sábado é o dia em que devem pôr de lado toda a sua atenção no Pai celestial.

2. *Necessidade de entrega total.* Se os seres humanos devem ser redimidos, devem entregar todo o seu ser ao Redentor. Devem cessar com todas as suas lutas e esforços para alcançar a salvação por suas próprias obras. Devem reconhecer que o único modo de receber a coroa é aceitar a Cristo. Precisam «encomendar suas almas ao fiel Criador». I Ped. 4:19. Com o coração e os lábios devem confessar: «Nada em minha mão eu trago; apenas a Tua cruz eu me apego». «Minha esperança está construída em nenhuma coisa senão apenas no sangue e justiça de Cristo.» O sábado foi designado por Deus para ensinar Seus filhos a verdade vital da total dependência da providência divina e Sua provisão tanto para as necessidades físicas como as espirituais.

3. *Necessidade de total consagração.* Se as pessoas devem ser redimidas, não podem servir a Deus e a Baal ao mesmo tempo. Não podem curvar-se ante o sublime trono de Jeová e, alternativamente, diante do bezerro de ouro. O sábado foi

dado como salvaguarda à idolatria e ao politeísmo. Ao guardar a pessoa o sábado dentro de seu real contexto e significado, está-se lembrando de que há só um Deus, o qual fez os céus e a Terra. Ele não somente deixa o trabalho físico aos sábados, mas deixa também de usar suas mãos e esforços na produção de deuses de feitura humana.

Em seu opúsculo, *I Want to Be Free* (Eu Quero Ser Livre), A. Graham Maxwell nota que o sábado «responde às três grandes questões da filosofia: De onde viemos; por que estamos aqui; para onde vamos.» — pág. 42.

Primeiro, o sábado lembra à pessoa sua nobre origem, que ele não descende de nenhum macaco primitivo, mas foi feito à imagem de Deus. Quando esta verdade raia em sua mente ele começa a andar a passo com sua nobre origem, seus nobres ancestrais. O sábado aponta-lhe Aquele que o fez, como sendo também o que «fez os céus e a Terra, e todo o seu exército.» Gên. 2:1.

Segundo, o sábado recorda à pessoa que o principal propósito da vida é glorificar Aquele que fez os céus e a Terra — Deus, o Criador. Isa. 43:7; Apoc. 14:7. Deus disse: «Certamente guardareis os Meus sábados; pois é sinal entre Mim e vós por todas as vossas gerações, para que saibais que Eu sou o Senhor que vos santifica.» Êxo. 31:13. Vida feliz é a vida santificada. Dedicção a Deus dá-lhe real significado e valor. A pessoa dedicada aprecia o dom da vida, e guarda-a contra tudo que a envileça e consequentemente negue sua utilidade. O sábado deve lembrar à pessoa que vida eterna é conhecer a Deus, João 17:3, e que «n'Ele vivemos, e nos movemos, e existimos.» Atos 17:28.

Terceiro, o sábado deve lembrar à pessoa que seu destino certo é a Terra feita nova, onde, de um sábado ao outro, ser-lhe-á concedido adorar o Criador num ambiente saudável e perfeito, isento de dor, de sofrimento e morte. Assim que em seus seis dias de trabalho a cada semana que passa, estará aguardando em fé aquele mais elevado e melhor repouso que espera o povo de Deus, quando o reino será finalmente estabelecido na Terra. Cada dia de sábado deve ser um antegoço do repouso eterno e da eterna alegria que está reservada para os redimidos de todos os séculos. Este repouso só pode ser obtido n'Aquele que convida todas as pessoas a irem a Ele em todas as suas fraquezas e com todo o peso dos cuidados que levam, e

em quem encontrarão repouso para suas almas. Mat. 11:28, 29.

O sábado é dado para ser um dia repousante, e não um dia desgastante. É um dia para participação activa nas coisas de Deus; dia de renovação de nossas forças no Senhor, de modo que correremos e não nos afadigaremos, andaremos, e não nos sentiremos cansados. Isa. 40:31. No dia de sábado entramos na casa de Deus para encontrar refrigério e força; então dali saímos para servir.

O Espírito de Profecia recorda aos crentes que não basta no sábado simplesmente irem à igreja e sentar-se para ouvir os sermões (ver *Testemunhos Selectos*, vol. 1, pág. 279). A força do grande movimento do advento jaz no facto de que ele é um movimento sob a unção do Espírito Santo de Deus. O Espírito do Deus vivo não opera no vácuo. Onde quer que o Espírito de Deus esteja presente, há animação. Com seu poder salvador, a mensagem do evangelho irrompe do cenáculo e se apresenta nas ruas apinhadas e movimentadas da vida.

CRISTO É SENHOR DO SÁBADO E NOSSO

O sábado claramente aponta a Jesus como sendo seu Senhor. Mar. 2:28. Daí que a guarda do sábado só possui significado quando se reconhe-

ce que Cristo é também Senhor de nossa vida. O termo «senhorio», isto é, qualidade de quem é senhor, denota domínio absoluto. O único modo em que podemos santificar o sábado para o Senhor é deixar que o Senhor do sábado Se aproprie de todo o nosso ser e o santifique.

Reconhecer a Cristo como Senhor significa fazê-lo não apenas de lábios. Jesus perguntou uma vez: «Por que Me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que vos mando?» Luc. 6:46. Sem a pessoa e presença de Cristo, o sábado se torna mera religião calisténica.

O profeta Isaías pintou com a pena o retrato exacto daquilo que Jesus como Senhor deve significar em relação aos guardadores do sábado. Ele declarou: «Não pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falar as tuas próprias palavras.» Isa. 58:13. Se Jesus é de facto Senhor do sábado, então (1) Seu caminho deve ser seguido, e não o caminho do adorador. (2) Seu prazer deve ser levado em conta, e não o prazer ou vontade do adorador. (3) Sua palavra, não a palavra do adorador, deve ser a palavra final.

Assim que, se voluntária e alegremente e de coração, submetemos nossa vontade à vontade e autoridade do Senhor Jesus Cristo, poderemos verdadeiramente declarar por palavras e pela experiência, que temos sido redimidos, e que em verdade entramos no descanso de Deus.

LIVRARIA DA IGREJA ADVENTISTA

(INSTALAÇÕES PROVISÓRIAS)

RUA JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 • LISBOA

.....

Encontra-se já em pleno funcionamento e ao dispor de todos os membros da Igreja a nossa livraria.

Se vive em Lisboa, ou vai a Lisboa não deixe de visitar esta livraria onde poderá adquirir livros e outros artigos úteis para si ou para as suas ofertas.

CONTAMOS COM A SUA VISITA

IGREJA DE ESPINHO

• Acaba de ser comprado em Espinho um terreno com uma casa que servirá para Escola e residência do obreiro.

No vasto terreno será edificada a nova Igreja. Foi possível esta compra graças à colaboração da União e Divisão.

FINALISTAS DE COLLONGES

• Este ano terminam seus estudos em Collonges os jovens portugueses: Ilídio Carvalho, Armando Cotim, Joaquim Nogueira, António Morais. Os dois primeiros juntamente com Paulo Morgado que terminou o ano passado regressarão brevemente ao nosso campo.

FINALISTA DE SAGUNTO

• Do Seminário de Sagunto transiuiu para o de Collonges Olinda Polme que continuará ali a sua preparação para o ministério.

PORTO SANTO (Madeira)

• Abertura do Trabalho em PORTO SANTO (Madeira). Acaba de ser adquirida uma casa naquela ilha para instalação do Casal Lupi Nogueira que como colportores irão iniciar o trabalho naquela ilha. Foi possível realizar este plano com a ajuda da Igreja do Funchal e Divisão.

REBOLEIRA (Amadora)

• Foi possível comprar o edifício da Igreja da Reboleira onde está instalada a Igreja.

OFERTA PARA O LAPI

• Foi votado no nosso Conselho da Associação pedir às Igrejas para contribuírem com uma 2ª oferta para a construção do L.A.P.I., no mês de Novembro.

Esperamos uma boa colaboração de todos os Irmãos.

As obras ali estão continuando com uma certa lentidão devido a ter-se esgotado já o dinheiro recolhido.

BATISMOS DA APASD

• Até 30 de Junho, em todas as Igrejas da Associação realizaram-se 120 batismos. Esperamos que o Senhor nos ajude a alcançar o alvo proposto até ao fim do ano.

PROMOÇÃO DE OBREIROS

• Segundo um plano elaborado,

alguns obreiros e professores tomarão parte em cursos de férias em várias de nossas Escolas no estrangeiro:

— Pastor Manuel Cordeiro — Curso de Extensão de Andrews University em Newbold College-Inglaterra
— Dra. Eunice Alves — Curso de Férias de Francês na Seminário de Collonges, França.

— Drs. Helder Gomes e Artur Vilares — Curso de Férias no Seminário de Sagunto em Espanha.

— Profª Maria José Marvão e Odete Cachão — Curso de Férias no Seminário de Sagunto, Espanha.

— Rogério Fernandes — Curso de Férias de Inglês em Newbold.

JUVENTUDE ADVENTISTA PORTUGUESA FAZ CAMPANHA ANTITABÁGICA NA FIL

Como resultado do impacto causado na opinião pública e nos meios oficiais pelo programa do Congresso JAP no Algarve, em Março deste ano, a Direcção Geral de Desportos pediu a colaboração da Igreja Adventista para a campanha antitabágica a cargo daquele órgão do Estado durante Juventus 80, de 6 a 15 de Junho.

Durante dez dias o stand da Direcção Geral de Desportos na Feira Internacional de Lisboa que foi visitado por cerca de 50.000 pessoas, esteve ornamentado com os impressionantes e ilu-

cidativos posters e cartazes sobre o tabaco que o Departamento de Temperança cedeu. Os jovens adventistas mantiveram uma presença contínua durante todo o período do Juventus, das 15 às 24 horas. Literatura ilucidativa sobre os perigos do tabaco, o Plano de 5 Dias e cartazes foram distribuídos em grande quantidade. As demonstrações dos efeitos perniciosos do cigarro feitas pelos jovens com o Juca fumante e o boneco fumador fazia aglomerar o público que inquiria sobre o Plano de 5 Dias e a obra da Igreja Adventista. As duas sessões de medição da Tensão Arterial pelos jovens adventistas foram pontos altos da campanha.

Os envelopes preparados e enviados pela D.G.D. para toda a imprensa em Portugal e distribuída aos membros do governo e demais pessoas nos três colóquios sobre o tabaco, a saúde e o Desporto, continham, além de outras coisas, um lindo cartaz e dois folhetos da nossa igreja relacionados com o assunto.

Como encorajamento para progredir e dar todo o apoio a iniciativas da Juventude dentro e fora da igreja deve-se salientar que esta presença da Igreja Adventista na FIL foi devida essencialmente à realização da Estafeta Lisboa-Faro pelos nossos jovens.

Num documento O TABACO OU A SAÚDE — ALGUNS FACTOS E TÓPICOS, preparado e distribuído pela



Aspecto do colóquio O TABACO E A ESCOLA levado a efeito pela DGD na FIL. Esteve presente uma delegação do Departamento de Temperança que através do seu presidente fez algumas intervenções.



Foi sempre assim durante a FIL. Milhares de jovens nos visitaram e pediram esclarecimentos.

Direcção Geral de Desportos onde são apresentados por ordem cronológica os acontecimentos principais desde 1974 até à presente data na luta antitabágica em Portugal, é mencionado no ponto 19 a campanha antitabágica em Faro de 26 a 31 de Março que inclui a estafeta «Lisboa/Faro e uma exposição sobre o Tabaco e Saúde», com indicação da organização responsável a contactar, nosso telefone e direcção.

Como resultado de todas estas actividades e literatura distribuída chegam frequentemente cartas ao Departamento de Temperança com a solicitação de se realizar Planos de 5 Dias em Lares, escolas e Clubes Desportivos.

Temos uma mensagem de advertência a proclamar. A temperança faz parte dela e é um meio de penetração por excelência, sobretudo quando é vivida e apresentada pelos nossos valerosos jovens.

Joaquim Dias

NOTÍCIAS DE PORTALEGRE

No sétimo e último ano do nosso ministério alentejano, eis-nos a dar, aos prezados leitores, uma resenha dos últimos eventos nestas terras de Odiana.

Assim, não queríamos deixar de proclamar com Samuel o facto mais saliente: «até aqui nos ajudou o Senhor». O Senhor deu-nos muitas ocasiões de júbilo e alegria: recordamos as visitas que tivemos, as reuniões festivas, e as excursões fraternais. Recordamos os momentos vividos com as Igrejas de Gijón (Espanha), e Avintes, no ano passado. Já em 1980, depois da recepção duma excursão de Lisboa, foi a vez de irmos até Madrid. Ali, tal como por cá, fomos recebidos fraternalmente pela igreja central de Madrid, que além da hospitalidade em lares ou no refeitório da Escola, tivemos dois passeios turísticos pela capital das Espanhas, guiados por simpáticos jovens madrilenos. Como corolário desta festa da fraternidade adventista, obtivemos os seus frutos em Portalegre: um baptismo dentro em breve, de um excursionista que não frequentava a igreja, e as visitas de outro casal de professores que agora colaboram com os jovens e que nunca nos visitaram anteriormente.

A encerrar nossas actividades septanárias, tivemos a feliz coincidência da realização do Segundo Congresso Regional, presidido pelo Pastor Alberto Nunes, oficial da nossa Associação. Na 6ª feira, 20 de Junho, deu-se início ao programa com uma reunião da noite pelo Pastor Nunes, que ilustrou com uma montagem audiovisual, muito apreciada, sobre a obra no Brasil.

No sábado, a Escola Sabatina presidida pela irmã Maria del Carmen Silva e demais directores distritais, convidou o Pastor Manuel de Oliveira, representante da igreja de Castelo Branco, a passar a lição do dia, que suscitou interessante e vivo debate entre os congressistas. Presentes com os seus cânticos colaboraram as jovens da Comenda, bem assim um trio instrumental constituído pelo juvenil Marcos Daniel e seus pais.

O culto solene a cargo do Pastor Nunes, foi um marco importante neste Congresso, ao lembrar-nos a tríplice mensagem angélica, e os meios de a proclamar: ministério evangélico, obra médico-missionária e as publicações. Colaboraram nestes momentos a família Nunes, com música e um duo. De tarde, com os baptismos e o programa jovem, haveria de manter-se elevada, esta espiritualidade cristã por entre uma assistência de irmãos que voltavam a superlotar a Igreja. Uma irmã da Ponte de Soure dizia-nos: «gostámos tanto

daquela festa». E realmente foi uma festa ao Senhor que usufruímos neste Sábado: 4 almas se decidiram por Cristo, no baptismo. Outras 4 se prontificaram para os próximos.

A encerrar este Sábado santo, tivemos uma sessão de: cânticos, música, poesias e slides, pelas várias igrejas. Além da igreja anfitriã, e da vizinha Ribeira de Nisa, contámos com uma forte embaixada da Comenda e dos 10 grupos do Distrito. Os pastores presentes foram, além dos já citados, o Pastor João Cordas Tavares, da Comenda, e o signatário, que agora inicia suas funções em Aveiro, Sangalhos e Vila Nova.

O congresso fecharia no domingo à tarde com chave de ouro pela presença dos Pastores Juvenal Gomes e Joaquim Morgado, respectivamente da União e Associação. Muito obrigado a todos.

E de Portalegre é quase tudo, só que depois de os irmãos nos despedirem amavelmente, com um lanhe festivo no salão dos jovens, aguardamos apresentar em Agosto o nosso substituto, Pastor Albino Vieira que vem da Ponta Delgada, Açores. MARANATA!

Daniel Simões da Silva



Uma jovem falando sobre os malefícios do tabaco.



A Igreja de Portalegre reunida no culto da manhã de Sábado do Congresso.

NOSSA PRINCIPAL OCUPAÇÃO

(Continuação da pág. 4)

tar o lar de um executivo adventista. Havíamos acabado de assistir a um seminário sobre evangelismo leigo no qual foi convincentemente apresentado o chamado de Cristo para cada um de nós se tornasse ganhador de almas. O Espírito Santo realizou a Sua obra, e este talentoso irmão com a simpática esposa sentiram que deveriam responder ao apelo. Falamos, oramos, e planeamos uma estratégia simples de evangelismo pessoal. Durante alguns meses de intervalo perguntei-me se este novo grupo estaria apreciando «tratar dos negócios de seu Pai».

Ouvi boas notícias sobre estudos bíblicos e dedicados esforços missionários entre amigos e colegas de trabalho. Soube recentemente que através dos dedicados esforços deste casal, nos últimos dez meses, 19 preciosas almas aceitaram a Cristo como seu Salvador pessoal, e se tornaram membros de nossa família espiritual através do batismo.

Se você Lhe der uma oportunidade, o Espírito Santo também o convencerá de que este é o momento propício para tratar dos negócios de nosso Pai — testemunhar e ganhar almas — o mais feliz e compensador negócio do mundo.

A Mensagem Adventista no Mundo

BAPTISMO NA PRISÃO

Primeiro caso conhecido na Europa de um ex-drogado português que se reabilita na prisão.

Telmo Soares Manuel Fernandes, português, 25 anos, até há poucos meses drogando-se, foi condenado a 6 anos de prisão por tráfico de estupefacientes.

Há alguns meses interessou-se por um curso para deixar de fumar, que se realizou na prisão de Vigo.

Foi o Pastor Antolin Diestre que, tendo iniciado um Plano de 5 Dias na prisão de Vigo, tomou contacto com ele.

Quando o encontrou, em Novembro passado, viu-o com colares, pulseiras. Começou a aprofundar a mensagem de Jesus e uma profunda transformação se produziu em sua vida. Estudou também o Espírito de Profecia. Finalmente veio o seu pedido de batismo.

Um jornalista, que havia entrevistado Telmo uns meses antes e o entrevistou agora, exclamou: «Não parece o mesmo!»

O batismo de Telmo realizou-se numa dependência da prisão, com a assistência de 40 pessoas (funcionários da prisão, jornalistas, membros de igreja e outros presos).

Da REVISTA ESPANHOLA, de Julho de 1980.

CAMPANHA MUNDIAL DE MISSÕES — 1978-1979

A Campanha das Missões nas Divisões fora da América do Norte ascendeu a um novo record o ano passado.

Embora o câmbio do dólar americano nem sempre tenha sido favorável, um total de US\$ 7.211.388 foram levantados fora dos Estados Unidos da América, contra US\$ 5.931.956 conseguidos no ano anterior.

Adicionando os US\$ 8.617.229 recolhidos nos Estados Unidos da América, a receita da Campanha das Missões de 1978-1979 totalizou US\$ 15.828.617, o que corresponde a um aumento de cerca de 17% sobre o ano precedente.

A Conferência da Carolina do Sul conseguiu já US\$ 447.552 este ano — mais US\$ 56.000 do que no ano passado, e a quantia mais elevada levantada até agora por qualquer conferência local.

Vários batismos resultaram já dos contactos espirituais feitos durante a cruzada deste ano. Quão maravilhoso é ver-se que a entrega dos corações e vidas se seguiu à entrega de bens materiais!

Don Christman
A.R. 27.03.80

NORUEGA

TEM 111 ANOS E
CONTINUA AO SERVIÇO

O «Anne Rogde», a mais velha escuna de longo curso da Noruega, leva agora uma carga preciosa. Conforme foi já publicado na «Review» (7.9.78), a veterana escuna foi «convertida» numa útil arma do evangelho. O comandante Darelund conta como o navio tem cortado as águas ao longo da acidentada costa da Noruega, fazendo escala em 18 portos desde Mandal no Sul até

Harstad acima do Círculo Ártico, ao Norte.

O veterano navio e a sua jovem tripulação tem recebido uma publicidade sem precedentes através da sua missão singular. As quase 15.000 pessoas que visitaram o navio têm aprendido, a bordo, algo sobre a Igreja Adventista, a sua fé, e a sua missão. Nenhuma das visitas deixou o barco de mãos vazias. Muitos compraram literatura do vasto stock do porão, modernizado e transformado em livraria e sala de exposições. Todos receberam brochuras e folhetos, e viram fotografias da fé Adventista em acção em muitas partes do mundo. Qualquer visita perceptiva sente o profundo amor que a tripulação voluntária dedica à mensagem que está tentando partilhar.

Por vezes a tripulação junta-se a qualquer grupo de igreja local em reuniões ao ar livre, proporcionando números musicais e testemunhos pessoais, e contando da importância da mensagem que abraçaram e da experiência compensadora de servirem um Cristo vivo.

A visão de dois irmãos, Aage e Magne Indahl, está-se tornando uma realidade. Foi o seu investimento pessoal de fundos e tempo que lançou a centelha de interesse no uso do barco para fins evangelísticos. Uma subscrição feita pela União Nórdica Ocidental garante que, no próximo Verão, nova época de navegação se fará.

A. R. 27.03.80

UNIÃO CANADENSE

G. D. Karst, presidente, e R. M. West, director de publicações da Igreja Adventista do Sétimo Dia em New-

foundland, visitaram a Cidade de Labrador na pouco populosa área de Labrador. A 1 de Dezembro eles celebraram o primeiro culto a ser realizado nessa vasta área, no santuário da Igreja Unida do Canadá, no local. Durante o Verão de 1979, Rosella McColpin, que pertence ao grupo Maranatha Flights International, passou dez semanas fazendo colportagem em Labrador, tendo vendido US\$ 49.600 de literatura. Como resultado dos seus contactos, duas famílias estavam presentes àquele primeiro culto. Em todo o Labrador há apenas 6 membros baptizados.

A. R. 20.03.80

MÉXICO

MONTEMORELOS PREPARA JOVENS PARA O MINISTÉRIO

A percentagem de estudantes não Adventistas na Universidade de Montemorelos, no México, é muito pequena, mas as portas estão abertas e o impacto desta instituição Cristã faz-se sentir na comunidade. Muitos daqueles que se matricularam apenas por ser aquela a Universidade mais próxima, encontram-se agora completando os seus cursos com um alvo diferente daquele que se propunham alcançar.

Um não-Adventista de Montemorelos disse-nos que não tinha a menor intenção de se tornar Adventista do Sétimo Dia quando se inscreveu para admissão à Faculdade de Medicina. «Eu nem nunca tinha pensado em me tornar missionário», disse-nos.

Mas, enquanto o aluno de medicina frequentava as aulas semestre após semestre, ele começou a interessar-se pela Bíblia e pelo Espírito de Profecia. Gradualmente ele aceitou os ensinados da Pena Inspirada. No seu último ano em Montemorelos ele pediu para ser baptizado e tornou-se membro de igreja. Após a sua formatura, ofereceu os seus serviços como médico missionário.

Outro jovem de uma cidade próxima matriculou-se na Escola de Administração de Empresas da Universidade de Montemorelos. Depois de meses de estudo ele dirigiu-se ao chefe do seu departamento pedindo que o aconselhasse.

«Quando me matriculei», ele confessou, «não me interessava nada pela igreja, e muito menos em ser missionário. O único interesse que me movia era o de terminar um curso que me desse a possibilidade de ser bem sucedido na vida. Mas conforme o fui ouvindo nas classes Bíblicas, ou falando na assembleia, e o fui vendo ajudar na igreja, eu dei por mim a tomar deci-

sões. Não posso deixar isto para mais tarde — não só me quero tornar um profissional de negócios, mas também quero aprender a pregar.»

Estas experiências mostram-nos que os professores de Montemorelos estão preocupados não apenas em dar uma instrução capaz aos seus alunos, mas também a inspirá-los a tornarem-se líderes na igreja e obreiros missionários.

Conrad Visser
A. R. 27.03.80

UNIVERSIDADE DE LOMA LINDA

Recentemente, a Universidade de Loma linda hospedou três médicos vindos da República Popular da China. São eles os médicos-chefes de radiologia, cirurgia cardiovascular, e anestesia, do Hospital Fu-Wai de Peking. A amizade profissional com estes médicos nasceu em Dezembro de 1978, durante uma visita feita àquele hospital por um grupo de Loma Linda. Correspondência trocada desde então levou os médicos Chineses a incluir a Universidade de Loma Linda no seu itinerário de quatro semanas nos Estados Unidos.

A. R. 20.03.80

SANTA CRUZ

MONGE FAZ AGORA COLPORTAGEM

Depois de 13 anos como monge em vários conventos da República Dominicana e Porto Rico, Tomas Bantista foi baptizado Adventista do Sétimo Dia e é agora um colporteur evangelista em Santa Cruz.

Um dia Tomas viajou de Porto Rico à República Dominicana em serviço. Durante a sua estadia ali, um amigo convidou-o a ir à Igreja Adventista. O prédio da igreja era pequeno e simples, mas ele ficou impressionado pelos cuidados que os membros mostravam uns pelos outros e como partilhavam algumas actividades. Antes de regressar a Porto Rico o seu amigo deu-lhe um trimensário da Escola Sabatina.

Tomas meteu o trimensário num saco de plástico, escondendo-o quando regressou ao convento. Sempre que tinha uma oportunidade, estudava-o. De uma das lições ele aprendeu que o corpo é o templo do Espírito Santo. Perturbou-o o facto de se encontrarem bebidas alcoólicas no convento. Sempre sincero na sua religião, Tomas meditou sobre as contradições que ia encontrando e finalmente resolveu sair.

Depois de muitos problemas conseguiu que o autorizassem a sair e foi para casa da sua irmã em Santurce,

Porto Rico. Um dia reparou num anúncio numa igreja: «Bem-vindo à Igreja Adventista do Sétimo Dia». Quando visitou aquela igreja, foi cordialmente recebido pelo pastor, que lhe deu um exemplar do livro «Palavras de Vida». Após seis meses de estudos Bíblicos, foi baptizado na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Hoje ele é um dedicado colporteur evangelista.

J. C. Shillingford
A. R. 27.03.80

EMBAIXADOR ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

P. B. Kopolo, pastor chefe da Igreja Central de Lusaka, na Zâmbia, foi recentemente designado pelo Governo da Zâmbia como seu Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário na Suécia, Noruega, Dinamarca e Finlândia. A transferência para Estocolmo deu-se em princípios de Maio de 1979. O Sr. Kopolo foi inspector-chefe oficial de escolas secundárias na Zâmbia.

A. R. 24.05.79

TANZÂNIA

UNIÃO INAUGURA COMPLEXO DE ESCRITÓRIOS

O novo prédio de 24 quartos recentemente acabado na propriedade comprada em Arusha, foi oficialmente inaugurado em Dezembro, quando o Comissário Regional de Arusha, Ndugu Peter Siyoveowa, cortou a fita e fez o discurso de abertura em nome do Governo da Tanzânia.

Outro dos 200 visitantes era W. Duncon Eva, um vice-presidente geral da Conferência Geral, que foi presidente da União da África Oriental, da qual fazia parte a Tanzânia.

O Presidente da União, D. C. Beardsell, chama este novo escritório «um sonho realizado». Além do prédio do escritório, cinco das 15 residências projectadas para este complexo foram acabadas. Também incluídas estão clínicas, um Centro do Livro Adventista, e uma igreja e um centro recreativo.

A obra Adventista do Sétimo Dia começou na Tanzânia em 1903 quando W. Ehlers e A. C. Enns chegaram da Alemanha. O primeiro baptismo, de 6 pessoas, foi conduzido em 1908. Hoje há 39.000 membros nos quatro campos desta União. A denominação tem 31 clínicas, um hospital, duas escolas secundárias, e uma casa publicadora. Há 240 igrejas espalhadas pelo País e um total de 539 obreiros activos.

Theus Young
A. R. 27.03.80